

URBANO C. BERQUÓ



No Hospital da Sociedade de Beneficência Espanhola, onde se encontrava internado havia perto de cinco meses, faleceu, às primeiras horas da noite de 21 de abril p.p. o ex-diretor da *Revista do Serviço Público*, Urbano C. Berquó.

Uma grande vida se extinguiu com o desaparecimento desse notável jornalista e servidor público.

Descendente de uma ilustre família goiana e natural, ele mesmo, de Goiás, Urbano C. Berquó cedo se transferiu para esta capital com o fito de cursar humanidades no Colégio Militar.

Terminados esses estudos não mais voltou a residir no seu Estado.

Aquí permaneceu, ingressando, inicialmente, no magistério e, pouco depois, seduzido por uma

irresistível vocação jornalística, na imprensa, como redator do "Correio da Manhã".

Em 1935, após memorável concurso no Ministério da Agricultura, alistou-se no serviço civil, vindo ocupar, dois anos mais tarde, e ao tempo de sua fundação, o cargo de diretor da *Revista do Serviço Público*.

Comesinha justa manda reconhecer-se-lhe o mérito de ter sido o grande interprete da reforma administrativa então no início. Os que, atraídos pelo sistema do mérito, de implantação recente, procuravam ingressar no serviço público, então imensamente valorizado, ainda se recordam de que foi esse magnífico doutrinador o seu guia mais autorizado, mais lúcido, mais seguro. Mesmo hoje os seus artigos são constantemente compulsados, não apenas pelos que tomam os primeiros contactos com a nova ordem administrativa brasileira, mas por todos aqueles que amam os serviços da inteligência alheia e gostam de reler, num estilo que é um primor de clareza e concisão, ensinamentos que o debate livre, o estudo e a experiência só fizeram confirmar até os últimos pormenores.

Desaparecendo aos 36 anos de idade e tendo vivido sempre tolhido por uma invencível modestia, Urbano C. Berquó só deixa atrás de si, além dessas publicações, aquelas que na imprensa quotidiana obrigaram-no a travar contactos com o grande público.

Daí o ser conhecido geralmente, apenas como um grande internacionalista — e ha poucos dias um ilustre sacerdote e o ministro da Tchecoslováquia classificavam-no publicamente como um dos

maiores do jornalismo mundial — quando, na realidade, em muitas outras nobres ocupações do espírito humano foi ele absolutamente invulgar.

Mestre consumado na política, não o era menos nas finanças, na economia, na literatura, na sociologia, na filosofia. Dotado, entretanto de um poderoso espírito de investigação, de uma incansável sede de sabedoria, pelo puro amor à cultura e por uma satisfação interior aos apelos da sua inteligência, só saiu de entre os livros para a vida exterior quando o chamaram as causas por que se bateu.

Não fôra a força das suas convicções e esse extraordinário estudioso, com a sua enorme erudição, teria passado silenciosamente entre as inquietações da sua vida e do seu infelizmente genio.

Mas, trazido para o rumor que gostaria de evitar viveu melhor e sem intenção uma grande verdade, a de que "toda grande vida tem sua significação interior, seu sentido imanente, que se desdobra nela e pela qual o ser vive, trabalha, luta, sofre, se rejubila e morre".

Lutador incansável pelos ideais da civilização um povo o condecorou em vida: o chinês. Mas todos os povos que lutam pela liberdade compareceram ao seu enterro por intermédio dos seus representantes diplomáticos, numa afirmação positiva da força de seu valor e da repercussão de sua incessante atividade no campo da política internacional.

Com o seu passamento não apenas o serviço civil mas a própria cultura nacional sofreram uma irreparável perda.

GERALDO GOMES LOBATO

Ainda outra sensível perda sofreu o serviço civil com o falecimento ocorrido no dia 20 do mês passado, do arquivista do Ministério da Fazenda, Geraldo Gomes Lobato, um jovem e brilhante funcionário público que, em diversas oportunidades, prestou relevantes serviços à alta administração do país.

Na Comissão de Padronização, na Comissão do Reajustamento, na Divisão do Material do D.A.S.P. e ultimamente no Instituto de Resseguros do Brasil, como assistente do Dr. João Carlos

Vital, em todos os setores onde teve oportunidade de servir, o extinto revelou-se sempre capaz, digno, eficiente e de uma dedicação que pode servir de exemplo.

Contando apenas 34 anos de idade eram enormes as perspectivas que se apresentavam à sua carreira no serviço público, tanto soube dignificá-la pelo trabalho, pelo estudo e por constantes provas de probidade funcional.

As manifestações de pesar pelo seu falecimento bem atestam o conceito em que sempre foi tido no seio da classe.